A defesa maritima de Fortaleza na Revolução do Equador

HUGO VICTOR

De todos os movimentos revolucionarios em que o Ceará se envolveu, nenhum foi menos platonico e mais funesto, nas suas consequencias, do que o de 1824—a ephemera Republica do Equador.

As duas principaes figuras da rebellião, Tristão Gonçalves e Pereyra Filgueyras, muito embora não prescindissem das exterioridades impressionistas de estandartes e actas, eram homens affeitos á lucta, e na lucta republicana entraram ainda mal refeitos da guerra do Fidié.

Não mais idealistas os que compunham o estado-maior do movimento.

Mas fiaram em demasia nas proclamações do centro rebelde—Pernambuco—e nas liberalidades de Paes de Andrade. De nada lhes valeu, por isso, o serem intrepidos e valorosos.

Não contaram os republicanos, nos arroubos patrioticos que empolgaram o Grande Conselho, com a deserção de José Felix, a traição de Luis Roiz Chaves, os marujos Cochrane e Jewet, a intransigencia de Costa Barros, o bifrontismo das Camaras matutas e a sanguicedencia de Conrado de Niemeyer...

Nem ouviu Tristão os conselhos da experiencia do irmão, o futuro senador padre Alencar.

Mas não contaram, sobretudo, com a falta de tropas regulares, com a falta de força militar.

Queriam oppor um punhado de bravos, insuflados pela demagogia das tribunas, pelos lances retumbantes das proclamações, pelos floreios da penna

de Mororó, e pela exaltação romantico-liberal de um feminismo inoperante, que se jactava de adduzir aos patrinomios denominações da fauna autochtone, ás tropas de Lima e Silva, que avançavam de Pernambuco debellado, e á «respeitavel Força armada de 5 mil homens de 1.ª, 2.ª e 3.ª Linha», de que fala o «matuto analphabeto» elevado ás culminancias do governo provincial.

A rendição de Filgueyras ao capitão Reinaldo Bezerra, e a do juiz Felix Antonio ao major Lamenha Lins marcam o epilogo do audacioso tentamen confederativo.

Homens, armas e munições, si não faltaram aos confederados, não eram, comtudo, sufficientes para uma resistencia á altnra dos acontecimentos.

Não eram sufficientes, ou não foram efficientes.

Pouco significaram, realmente, na emergencia, as «26 peças, os 375 barris de polvora, balas e chumbo, etc.», offertados ao governo de Tristão pelo cearense José Joaquim da Silva Braga, e chegados de Londres a Fortaleza, pelo brigue inglês *Helen,* do capitão George Milwe.

Não ha negar que o vulto desse só contingente bellico representa alguma coisa para o tempo, mas as successivas victorias das forças imperiaes reduziram á impotencia, em menos de três meses, esse arsenal d'armas.

Duas naus de guerra surtas no porto, e duzentos marinheiros em terra, e eis imperialistas quase todos aquelles mesmos que a 26 de agosto se davam «os parabens de sua mutua felicidade».

Tristão sabia ser nulla a resistencia na capital, não obstante os canhões da fortaleza de N. S. d'Assumpção e as baterias do Mocuripe, e preferiu a tactica (si assim se pode chamar) das guerrilhas do interior.

A fortaleza, segundo se deprehende do officio do coronel Paulet, de 9 de agosto de 1825, não offerecia vantagens para repellir um bloqueio maritimo.

Não lhe conhecemos, ao certo, o potencial da munição para os seus 27 canhões que, no quadrado

fortificado, batiam «perfeitamente com duas ordens de fogo cruzado o ancoradouro e o Porto, que conduzem da Praia para a Villa», mas não resta duvida quanto á sua inutilidade na defesa da revolução.

Sobre as fortificações do Mocuripe, ao tempo, temos, porem, a prova expressa da sua inefficiencia, embora muito antes de Bernardo Manuel de Vasconcellos «se comprehendera a necessidade de defender a enseada».

Consultavamos, no Archivo Publico do Estado, o pacote sobre a rubrica «Commandante das Armas da Provincia», referente aos annos de 1824–1827, quando se nos depararam quatro curiosos documentos originaes, que esclarecem á saciedade o estado daquellas fortificações.

Copiemo-los:

«Ill.mo e Ex.mo Snr.

Faço subir á Prezença de V.Ex.ca o Officio incluzo de 11 do prezente, que acabo de receber do Ajud.te Comandante do Mocoripe Vicente Alves Ribeiro e Borba Brilhante, acompanhado da Relação da mesma data N. 1 em que faz menção do necessario prezentem.te para a mesma Fortaleza de Mocoripe, bem como da Parte em igual data N.2 que mostra o incapaz estado do respectivo aquartelamento, Armazem, e Pessas de Artilheria, incapazes estas tambem de darem hum tiro de Balla, afim de que V.Ex.ca se digne providenciar como achar conveniente, visto que he hum essencial ponto de Fortaleza desta Praça, inteiramente digno de concideração, promptas providencias, e perspicazes vistas, devendo porem o sobrèdito Comand.te declarar o numero, pezo, e quantidade do que pede na dita Relação N.1, em que assim não menciona, para em termos se providenciar com inteiro conhecimento de cauza.

Deos Guarde a V.Ex.ca Quartel do Gov.o das Armas na Cidade da Fortale-

za 11 de Junho de 1824; 3.º da Independencia, e Liberdade do Imperio.

Ill.mo e Ex.mo S.r. Prezid.te Tristão Gonsalves de Alencar Araripe

Joze Pereyra Filgueyras.

Parte N.2

Participo a V.Ex.ca que tomando conta do Commando das Fortificaçoens de Mocuripe; e dos Petrechos de Guerra emais utencilios as mesmas pertencentes; entre os quais achei alguns, no estado, q.e passo a expor a V.Ex.ca o Q.el se haxa em Capaz da Assistencia de 2 Officiaes, ehum Distacam.to por estar disconsertado dimanêra que entodo chove, bem como o Armazem, que se haxa da mesma forma; Asim como As Pessas de Artilharia que não estão Capazes de dar hum tiro de Balla. V.Ex.ca p.rm mandará o que for servido.

Q.el do Mocuripe, 11 de Junho de 1824.

Vicente Alves Ribeiro e Borba Brilhante.
Com.te de Mocuripe

Tendo executado quanto VEx.ca me determinou por officio de 31 de Maio passado; passei a examinar, os Petrêxos de Guerra, emais utencilios pertencentes as Fortificaçõens do Mocuripe, deq.e sou Com.te axando as faltas constantes da Parte e Relação, que emcluzo VEc.ca achará para mandar o que for servido. D.s G.e a VEx.ca Q.el do Mocuripe 11 de Junho de 1824, 3.º da Independencia e Liberdade do Imperio.

Ill.mo e Ex.mo Señr
G.or das Armas

Vicente Alves Ribeiro e Borba Brilhante
Com.te de Mocuripe

Relação do qui seperciza para as Fortificaçõens de Mocuripe a cer

N. 1

«Polvra quanta for neseçario qui cá não há nem hua.

«Pederneiras para Granadeiras, qui não há nem hua

«Cartuxame de Ballas miudas p.ª Granadeiras.

«Peças p.a Artilharia, q.e as q.e cá existem não estão capazes.

«Bandêras p.ª a Fortaleza que não há.

«Cartuxame para Artilharia, Calhibre «...» e 3»

«Tranças para botafogos.

«3» Diamantes de Latão, hum groço e 2 finos.

«1» Machado.

«2» Exchadas.

«2» Paz de Ferro

«2» Baloens

«50» Balas, Calhibre «3»

«2» Lampioens, hum bem tapado p.ª entrar dinoute no Armazem de Polv.

«Pelles de ouvelhas para cobrir Lanadas (1)

---

(1) — *Lanada*, f. Varredoiro de pelles de ovelha, com que se limpam interiormente as peças de artilharia. (Do lat. *lanatus*) — «Novo Dicc. da Lingua Portuguesa», de Candido de Figueiredo.

BIBLIOGRAPHIA:

Datas e Factos para a Historia do Ceará — Ceará Provincia, pelo dr. Barão de Studart. *Parte Chronologica. Anno de 1824*, pelo dr. Barão de Studart, *in* Rev. do Instituto do Ceará, tomo especial, 1924. *A Confederação do Equador*, pelo dr. J. E. Torres Camara, *idem, idem. Parte Documental*, por Palma Muniz, *idem, idem. As fortificações do Ceará*, pelo dr. Carlos Studart Filho, *in* Rev. do Inst., tomo XLIII. *Narrativas de serviços no libertar-se o Brasil do Dominio Portuguez, prestados / pelo Almirante Conde de Dundonald*, trad. de A. R. Saraiva.

«Taxas de ferro p.ª as ditas.
«Dous Massos de Barbante.

Q.el do Mocuripe 11 de Junho de 1824

Vicente Alves Ribeiro e Borba Brilhante
1824

Ajud.te e Com. das m.mas»

Sendo de tal ordem a defesa maritima da capital, estava o porto aberto e indefeso.

A «Pedro I» e a «Piranga», em que pese o seu estado, puderam ancorar sem receio de molestadas, fazendo o pavilhão imperial tremular de novo na capital, ha poucos dias antes quase toda rebellada.

Assim, si pouco resistente foi a defesa da revolução, em terra, absolutamente nulla, como se vê, o foi no mar.

E tudo não passou de uma epopéa rubra de sangue e tarjada de preto...

O 29 de abril foi a aurora fugaz que precedeu á penumbra de 17.de outubro, ña hecatombe da «Picada», e á noite caliginosa de 31 desse mês, na tragedia e no sacrilegio de «Santa Rosa».